Introdução

Paulo Silveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVEIRA, P. Introdução. In: *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, pp. 21-24. ISBN 978-85-386-0390-0. Available from doi: [10.7476/9788538603900](https://doi.org/10.7476/9788538603900). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/2pwn4/epub/silveira-9788538603900.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Tema da pesquisa

O objetivo desta pesquisa é experimentar um modelo para a aproximação *conceitual* (ou pelo conceito) e *formal* (ou pela forma) ao estudo do livro de artista contemporâneo, no sentido lato. Ele é entendido como um campo de atuação artística (uma categoria) e, simultaneamente, como o produto desse campo, um resultado específico das artes visuais. Inclui-se, aqui, o conceito de livro-objeto. Este exercício de compreensão tem como eixo o problema plástico que a página oferece para a expressão de sentimentos de apreço às conformações consagradas, por um lado, ou de violação de seus princípios (cânones) pelo gesto reformador, transformador ou desconstrutor, por outro.

Optei por uma aproximação a partir da estrutura formal, tendo como objeto de estudo trabalhos escolhidos da produção dos anos 90, em relação a alguns de seus predecessores. Entendo que, nesse caso específico, a análise plástica da obra possa ser elaborada através da constatação da página como suporte ou como matéria de trabalho plasmável, mesmo quando a página não existe de fato (ou seja, não existe fisicamente). Entendo, também, que o artista se apropria daquele que considero o mais significativo objeto cultural ocidental (embora muitos autores o considerem primordialmente apenas contenedor de textos), e preexistente nas suas formas e nos seus dogmas. O artista se equilibra em algum ponto por ele eleito entre o respeito às conformações tradicionais (o códice, por exemplo) e a ruptura ou transgressão (física ou espiritual) às normas consagradas de apresentação do objeto livro. Proponho como parâmetros, entre outras possibilidades para a aproximação crítica, os conceitos de *ternura* e *injúria*, ambos os substantivos na sua total amplitude de significado na língua portuguesa. As duas posições podem compartilhar a mesma obra, gerando tensão plástica na página e/ou no volume, ressalvada a possibilidade conceitual e temática da existência da não-página e do não-volume. As gradações percebidas podem ser instrumentos na conceitualização e caracterização da obra, do livro ilustrado (que tem amplo trânsito no universo dos bibliófilos) até todo e qualquer livro-objeto (produto quase exclusivo do campo das artes visuais).

O estudo pretende considerar também os conceitos em língua portuguesa, confrontados com as definições que já vêm se tornando tradicionais e as ainda em processo em outras nacionalidades. Isso passou a ser importante no decorrer da pesquisa, porque partiu da constatação de que existem alguns outros conflitos próprios desse tipo de meio. O desconforto conceitual persistiu nos anos 90 pela forte interação do artista plástico com a popularização e/ou comercialização de sua obra e o comprometimento a que isso induz. Tudo alinhado com a situação (que ainda continua, como veremos adiante) de estranheza que esse tipo de obra gera nas artes (pela introdução de técnicas e suportes pouco comuns a elas) e na bibliologia (desconfortável ante a independência formal das obras de ponta). Aparentemente algumas contradições atormentam a relação entre o artista e a obra, o que parece refletir-se tanto no seu trabalho como nas dúvidas conceituais.

Com o título *Apágina violada* procuro verbalizar uma impressão reflexa. Pretendo apresentar um dos problemas plásticos específicos do livro de artista, ou seja, a criação artística expressa da apropriação de um suporte consagrado da tradição cultural, preexistente, que se pretende espaço de domínio para texto, adequado à divulgação intelectual e por ela marcado historicamente, e a intromissão desse objeto originalmente de leitura na arte contemporânea. Duas perguntas básicas se impõem. Pode a violação às leis da página tanto determinar integração como esquite na forma ou no significado da obra? E além disso, pode ela ser um dos determinantes da caracterização de uma categoria artística?

A sensação imediata de quem lê ou ouve a palavra “violação” parece envolver aversão e censura. Isso demonstra a carga negativa que a palavra transporta, ou a carga negativa

Maris Bustamante, *Historia de una fiesta*, s.d.

que as pessoas transferem para ela. Trocando ideias com outras pessoas, o que constatei foi a associação do termo com a violência sexual — que não interessa aqui —, em detrimento de seus significados mais corriqueiros, que para a arte não são necessariamente negativos: a violação de regras, a desobediência às leis, a infração às normas, a afronta ofensiva aos modelos, a injúria ao paradigma. As razões dessa transferência podem ser profundas. Mas por outro lado, ela pode indicar que a palavra “violada” carrega a ambiguidade apropriada às alterações que a página sofre na sua ciranda entre o ofício e a arte. Ciranda que raramente sai do seu circuito cultural específico.

Mantive o subtítulo original (*Da ternura à injúria na construção do livro de artista*), buscando esclarecer um pouco mais a proposta, apontando para o principal dualismo criador (ou de posicionamento do artista) refletido na sua obra. E daí surgiria outra dúvida: sendo esse evento plástico acompanhado, desde o início, da intelecção de suas premissas e desafios, o dualismo não se espelharia nos confrontos críticos de pesquisadores, críticos de arte e bibliotecários especializados?

Iolanda Gollo Mazzotti, *Ícaro*, 1993
(Iolanda, 1993, p.7).

Campo de estudo

O terreno onde serão desenvolvidos os questionamentos é o da arte *que se dá em exposição pela conformação do livro*, com ênfase na compreensão de seus limites. Mas é necessário algum cuidado para com o entendimento das palavras. O livro de artista no sentido lato é o alvo principal deste estudo. E a página, compreendida como sendo matéria expressiva (mesmo quando não exista mais), é o foco adicional, porque ambos são mutuamente referentes. Ou melhor, o livro de artista é um alvo móvel, artiloso, que só pode ser atingido por correção da paralaxe de nossa pontaria. A página é matéria plasmável por sua interação positiva com o texto e a imagem, e também porque é rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita, por mutilação ou reciclagem. A página que, às vezes, não passa de uma remissão, uma menção, uma possibilidade. Ela não deve ser confundida com uma folha solta de papel. Ela guarda consigo os sinais de ser parte de um todo. A página, como a estamos apresentando aqui, é a menor unidade possível do suporte livro.

Separada dele, ou a obra se ressentirá em sua totalidade, ou, quem sabe, eles (o volume e a página) instaurarão um outro discurso. Quero menos o texto (os diversos códigos de sinais) do que o contexto (o próprio suporte como obra). Constatando as ressonâncias dos dualismos do homem (o homem artista ocidental principalmente) nas páginas vincadas, nos duplos par e ímpar, frente e verso, capa e contracapa, letra e imagem, o abrir e o fechar, o mostrar e o esconder...

Tenho a pretensão de perceber mais uma postura dual, entre outras, dos artistas frente ao livro, e que está projetada em suas obras. O seu problema mais agudo é escolher o relacionamento com a sua criação. Por um lado, temos o ser pensador que venera a forma familiar desses entes quase sacros, os livros (*tâ biblia*). O livro traz consigo o gosto pela perpetuação da forma clássica, de ser o mais nobre depositário do conhecimento, valores expressados através do zelo e do respeito pela superfície e pelo ato de folhear e seus tempos. Em outras palavras: a arte limpa e plana, de texturas e sombras coniventes com a compleição do suporte, suave e clássico, pedindo a malícia do nosso olhar, da nossa memória e da nossa imaginação. Por outro lado, nos surpreendemos com o criador que se expressa pela ideia da transgressão, confrontando o escultórico com o plano, rompendo a página, dilacerando a estrutura, ferindo, formando, deformando e transformando. A possibilidade integral do tato (o toque pleno e sensual) e a profanação das regras quase sagradas de apresentação e *uso* do objeto livro. A arte e seu artesanato a *gritar* em nossas mãos a sua *presença*. Nessas duas posturas se concretiza o universo de tensão entre a preservação e a sevícia na estrutura do livro de artista. Seria a insinuação dessa dualidade a causadora da estranheza que às vezes sentimos?